



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (DIURNO)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO II

ANA BEATRIZ ARAÚJO PINHEIRO

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE ORALIDADE POR
PROFESSORES DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS DA REDE
PRIVADA DO MUNICÍPIO DE PACAJUS-CE

FORTALEZA

2021

ANA BEATRIZ ARAÚJO PINHEIRO

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE ORALIDADE POR PROFESSORES
DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO
MUNICÍPIO DE PACAJUS-CE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal do Ceará UFC, como
parte dos requisitos necessários para a
obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra Adriana Leite
Limaverde Gomes

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P718d Pinheiro, Ana Beatriz Araújo.

O desenvolvimento das atividades de oralidade por professores do 2º ano do Ensino Fundamental de escolas da rede privada do município de Pacajus-Ce / Ana Beatriz Araújo Pinheiro. – 2021.
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Adriana Leite Limaverde Gomes.

1. Oralidade. 2. Práticas de ensino. 3. Materiais didáticos. I. Título.

CDD 370

ANA BEATRIZ ARAÚJO PINHEIRO

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DE ORALIDADE POR PROFESSORES
DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO
MUNICÍPIO DE PACAJUS-CE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal do Ceará UFC, como
parte dos requisitos necessários para a
obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientação: Professora Dra. Adriana Leite
Limaverde Gomes

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra Adriana Leite Limaverde Gomes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra Maria José Barbosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Mestre Socorro Moraes
Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Caucaia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram e possibilitaram o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso e minha formação profissional e pessoal.

Agradeço a Deus, por sempre estar presente, me possibilitando força e perseverança.

Agradeço aos meus pais, Jaires e Laíde, por acreditarem em mim e terem orgulho do curso.

Agradeço aos meus irmãos: Jonas, por me aturar nos momentos de estressante e proporcionar alegria.

Agradeço a minha irmã, Juliana, por desde o início me ajudar quando entrei na faculdade e ser meu maior apoio na construção do TCC, mesmo tendo terminado o dela recentemente e provavelmente nem querer mais ouvir essa palavra.

Agradeço a minha orientadora, professora Adriana Limaverde, por sempre estar disponível para responder minhas dúvidas e auxiliar na construção desse trabalho.

Agradeço as minhas amigas da faculdade (Catarine, Cibelly, Larissa, Ingredy, Cíntia, Aline) por, mesmo sem saberem, me incentivarem a continuar no curso.

Agradeço também a Hanna, Karen e Emilly por fazerem parte da minha jornada e estarem lá quando eu precisava desabafar.

E, por fim, agradeço a todos os professores e funcionários da FAGED/UFC que contribuíram de qualquer forma para esse momento.

RESUMO

No ambiente escolar, dentro de sala de aula, a oralidade pode e deve ser desenvolvida de diferentes formas. No entanto, alguns professores ainda confundem o desenvolvimento do eixo da oralidade com o simples ato de falar, algo que é inerente ao ser humano, a partir do momento que está em convívio com as pessoas que o cercam. O oralidade, todavia, abrange muitas mais dimensões do que apenas falar, ele busca os discursos de acordo com o ambiente em que se encontra, o tom, a habilidade de ouvir o outro, dentre outros. No presente trabalho de conclusão de curso objetivou-se investigar as atividades propostas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental, que podem promover o desenvolvimento da oralidade das crianças. Objetivou também identificar as atividades de oralidade desenvolvidas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental, e avaliar os materiais didáticos utilizados por professores do 2º ano do Ensino Fundamental para o desenvolvimento da oralidade das crianças. Para isso, utilizou-se aporte teórico de Marcuschi (2001/2007), Castilho (2000), Dionísio (2007), entre outros, para fundamentar o conceito, o histórico e a importância da oralidade ao longo do desenvolvimento das crianças matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental. Além de se referenciar nos documentos oficiais como BNCC e PCN. A metodologia consistiu na disponibilização de um questionário na plataforma do Google Formulário, e da análise dos planos de aula das participantes. Verificou-se que, as professoras, em sua maioria, compreendem o eixo de oralidade, seus gêneros, suas competências e especificidades, mas suas práticas são principalmente voltadas para a resolução de atividades do livro didático, utilizando a oralidade como instrumento de avaliação. Conclui-se que o eixo de oralidade necessita de maior suporte das escolas para ser desenvolvido na sala de aula, com projetos e atividades que contemplem a oralidade, por meio de práticas diárias, visando o desenvolvimento de competências das crianças.

Palavras-chave: Oralidade. Práticas de ensino. Materiais didáticos.

ABSTRACT

In the school environment, within the classroom, orality can and should be developed in different ways. However, some teachers still confuse the development of the axis of orality with the simple act of speaking, something that is inherent to the human being from the moment he is in contact with the people around him. The axis of orality, however, covers many more layers than just talking, it seeks the speeches according to the environment in which it is found, the tone, the ability to listen to the other, among others. This course completion work aimed to investigate the activities proposed by teachers of the 2nd year of Elementary School that can promote the development of oral speech in children. It also aimed to identify the oral activities developed by teachers of the 2nd year of elementary school, and evaluate the teaching materials used by teachers of the 2nd year of elementary school for the development of oral skills in children. For this, the theoretical contribution of Marcuschi (2001/2007), Castilho (2000), Dionísio (2007), among others, was used to support the concept, history and importance of orality throughout the development of children, focusing on the 2nd year of Elementary School. In addition to being referenced in official documents such as BNCC and PCN. The methodology consisted of making a questionnaire available on the Google Form platform, and analyzing the participants' lesson plans. It was found that most teachers understand the axis of orality, their genres, their skills and specificities, but their practices are mainly aimed at solving textbook activities, using orality as an assessment tool. It is concluded that the orality axis needs greater support from schools to be developed in the classroom, with projects and activities that address orality, through daily practices, aiming at the development of children's skills.

Keywords: Axis of orality. Teaching practices. Teaching materials.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1	O que é a oralidade?.....	9
2.2	Fases do desenvolvimento da fala do ser humano.....	10
2.3	Oralidade deixada de lado na escola/sociedade e a importância da oralidade.....	12
2.4	Oralidade no currículo e responsabilização nos professores e no suporte didático..	15
2.5	Práticas e atividades do professor com a oralidade.....	17
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1	O contexto e os participantes da pesquisa.....	21
3.2	Os procedimentos para geração de dados.....	22
4	ORALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: ATIVIDADES E PRÁTICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PRIVADA DE ENSINO.....	24
4.1	As atividades de oralidade desenvolvidas pelas professoras.....	24
4.2	Materiais didáticos usados pelas professoras que contribuem para o desenvolvimento da oralidade.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS.....	36
	ANEXO A - PLANO DE AULA DA PROFESSORA A.....	38
	ANEXO B - PLANO DE AULA DA PROFESSORA B.....	39
	ANEXO C - PLANO DE AULA DA PROFESSORA C.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo discutir e compreender como o eixo de oralidade vem, atualmente, sendo desenvolvido nas atividades propostas pelas professoras para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da rede privada. A escolha desta temática surgiu da necessidade de compreender se nas escolas, dentro de salas de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, a temática oralidade está sendo desenvolvida com as crianças, observando-se as competências usadas para esse desenvolvimento.

A oralidade está presente em, praticamente, todas as áreas da vida pessoal e profissional de uma pessoa, se o eixo não for desenvolvido de forma plena desde a formação das crianças, pode influenciar no desenvolvimento de jovens e adultos e até acarretar dificuldade de se expressar nos diversos âmbitos de sua vida, seja em uma Faculdade, trabalho, lazer e muitos outros ambientes nos quais a oralidade se torna necessária.

O trabalho com a oralidade nas escolas necessita de uma atenção especial. Marcuschi (2001) explica que existe uma omissão do trabalho com a fala e oralidade nas escolas, visto que há uma visão de que a oralidade é inerente à vida e não necessita ser explorada na escola. Ou seja, é muito comum nas escolas tratar a habilidade de falar e a oralidade como sendo semelhantes e justificar isso como não necessário para trabalhar a oralidade. Para isso utiliza-se argumentos de que se aprende a falar vivendo em sociedade e com familiares, quando na realidade existe uma distinção entre fala e oralidade. O eixo de oralidade apresenta diretrizes e leis (PCN, BNCC), que embasam e frisam sua necessidade de planejamento e atenção cuidadosa quando ensinada às crianças.

É necessário investigar a temática e buscar discutir e compreender se nas escolas os professores vêm recebendo um suporte tanto da escola, como na formação continuada. Além disso verificar se nos livros didáticos há essa preocupação com o trabalho da oralidade, para que assim os professores ao chegarem nas salas de aulas possam saber explorar a oralidade, a variedade de gêneros orais, a fala e a escrita das crianças de forma a contemplar a necessidade das crianças de aprender o intrincado que é a oralidade (suas especificidades e elementos) e não se deter apenas na escrita.

Por isso, o presente trabalho busca como objetivo geral investigar as atividades propostas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental que podem promover o desenvolvimento da oralidade das crianças. E como decorrência desse objetivo, os específicos

foram assim delineados: identificar as atividades de oralidade desenvolvidas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental, e avaliar os materiais didáticos utilizados por professores do 2º ano do Ensino Fundamental para o desenvolvimento da oralidade das crianças”.

A abordagem metodológica utilizada foi a qualitativa com a intenção de obter uma análise mais abrangente e com possibilidade de levantar questionamentos. Para isso, foi disponibilizado um questionário na plataforma do Google Formulários e a análise de um plano de aula de três professoras de diferentes escolas para discutir, amplificar e observar se a oralidade vem sendo desenvolvida nas salas de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, de acordo com a legislação educacional brasileira.

O trabalho foi organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, destacando a problemática e os objetivos do trabalho. No segundo capítulo enfatiza-se o referencial teórico, com a definição de oralidade por estudiosos da área, tais como Castilho, Marcuschi e Dionísio; as fases do desenvolvimento da fala do ser humano; a oralidade no decorrer da história da escola; a oralidade no currículo e práticas e atividades desenvolvidas por professores. No terceiro e quarto capítulo encontram-se, respectivamente, a metodologia e os dados e discussões dos resultados obtidos na pesquisa realizada. O quinto e último capítulo é dedicado às considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esse capítulo tem como objetivo investigar como a oralidade está sendo desenvolvida e discutida nos dias atuais, principalmente no ambiente escolar e na organização do currículo educacional em se tratando de sua importância para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. As discussões trazidas neste capítulo foram organizadas de acordo com a necessidade de compreender o conceito de oralidade e seu surgimento para então se investigar sua importância na escola, como está organizado no currículo e que atividades os professores do 2º ano do Ensino Fundamental desenvolvem para atender essa demanda.

2.1 O que é a oralidade?

A oralidade vem sendo conceituada por diversos autores, como Marcuschi (2001) que a define como a análise da conversação, enquanto Castilho (2000) conceitua como a descrição da língua. De acordo com Marcuschi (2001) a oralidade é uma modalidade ligada ao uso da língua oral, podendo estar relacionada com o formal e o informal e ser aplicada nos mais diversos cenários e contextos. Nesse sentido, a fala faz parte desse processo, o qual, ao longo dos anos, levantou muitas questões sobre esses dois termos: “oralidade” e “fala” e suas similaridades.

Para Marcuschi (2001) a oralidade e a fala, muitas vezes, são colocadas no mesmo patamar, com o mesmo significado. No entanto, para este autor, a fala é algo inerente ao ser humano, e, ao longo do seu desenvolvimento ele vai aprendendo, construindo e aumentando seu poder de diálogo. Ainda segundo o mesmo autor, a oralidade está intrinsecamente ligada à fala, mas vai muito além do simples saber falar, porque ela busca ter significado, como o tom que se usa, a expressão, entonação e é usada como uma prática social com a finalidade de comunicação.

Os estudiosos da temática oralidade, como Marcuschi, Dionísio, Castilho, afirmam que a criança aprende naturalmente a falar, por estar inserida em uma dinâmica social, ao ouvir, observar e conversar com as pessoas ao seu redor. A partir dessas experiências sociais, ela cria vocábulo e se beneficia das variações linguísticas de acordo com os grupos sociais que está inserida. Na escola a oralidade tem o objetivo de complementar e ampliar o poder discursivo das crianças, tornando-as capazes de conhecer e dominar diferentes gêneros orais. Além de entender o poder da escuta e estarem preparados para as diferentes situações sociais

que podem encontrar ao longo da vida, sejam elas situações formais ou informais, podendo utilizar-se desses aprendizados para se adequar de acordo com a situação. No entanto, a oralidade não está somente preocupada em ensinar os gêneros formais, apesar de este ter sido o destaque por um tempo, mas seu foco principal, atualmente, encontra-se em ensinar os usos da fala. Assim com explícita Marcuschi e Dionísio (2007):

Até há algum tempo, os manuais de ensino e mesmo os estudos da língua não davam muita atenção aos usos linguísticos reais e se ocupavam mais dos aspectos formais, tais como as regras e as normas da língua, acentuando um ensino metalingüístico da língua. Hoje, há uma grande sensibilidade para os usos da língua. O ensino volta-se para a produção textual e para a compreensão tendo em vista os gêneros textuais e as modalidades de uso da língua e seu funcionamento. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 16).

O conceito de oralidade gerou muitas discussões e expandiu seus significados ao longo dos anos. Com isso, não se pode deixar de considerar que a fala e a oralidade são dois conceitos que caminham juntos, mas cada uma tem suas formas de desenvolvimento.

A fala, como já discutido anteriormente, é inerente ao ser humano, se ampliando ao longo do desenvolvimento humano, como será exposto no próximo tópico. Carvalho e Ferrarezi (2018) explicitam que a partir da fala que se constrói a oralidade, a partir da ambientação em um contexto de vivências, sejam essas vivências em contextos familiares ou escolares. Na escola, por exemplo, a oralidade será desenvolvida diferente da forma que acontece em casa, por meio da experiência de ouvir o próximo, de desenvolver sua capacidade linguística, no tom, na postura, etc.

Ou seja, a oralidade está presente em toda a oralização dos discursos, fala e/ou escuta, podendo ocorrer como o foco de uma atividade ou um meio para a construção de conhecimentos e suas interações. Assim como descreve Carvalho e Ferrarezi (2018, p.18) “[...] dependemos desse sistemas linguísticos para o desenvolvimento pleno de muitas de nossas potencialidades neurológicas. Enfim, somos seres que falamos.”. Dependemos da fala, da escuta e da oralização para a construção de nós como ser, com identidades, como marca da cultura, da língua. É necessário aceitar e respeitar a oralidade individual e a do outro, por fazer parte de quem cada um é.

2.2 Fases do desenvolvimento da fala do ser humano

A fala acompanha o desenvolvimento humano desde os primórdios da vida humana, ela se desenvolveu para facilitar a comunicação e o diálogo de forma mais ampla, como uma evolução do humano para a sobrevivência da espécie. Carvalho e Ferrarezi (2018) explicitam

que falar, verbalizar são uma das poucas características que definem especificamente a espécie humana e que podem ser desenvolvidas desde a tenra idade, quando se é bebê e começa-se aprendendo simplesmente ao ouvir e observar os adultos ao redor.

A forma como os bebês se comunicam até sua fase adulta existem várias etapas conhecidas como as fases do desenvolvimento do ser humano. Carvalho e Ferrarezi (2018) descrevem essas fases, começando desde o nascimento, quando o bebê se comunica, e, seu choro assume a função social, de comunicação e de sobrevivência para direcionar os adultos responsáveis quando está com fome, sono, dor, etc. Dos seis aos dez meses o bebê consegue se comunicar um pouco além do choro, por meio dos arrulhos e logo em seguida os balbucios. Nessa fase, ele começa a treinar a musculatura do aparelho fonador para futuramente ser capaz de produzir palavras e dar sentido a elas. Dos doze aos dezoito meses considera-se a fase da holófrase quando os bebês começam a entender o significado de palavras e usá-las com intencionalidade. Nesse período, eles falam palavras do seu modo e apontam para objetos, já em uma forma de imitar a comunicação que eles observam ao longo do dia. E dois aos cinco anos é quando ocorre uma ampliação do vocabulário e a estruturação de frases mais complexas.

Ainda segundo os mesmo autores, quando a criança começa a falar ela não para mais, ao longo dos anos percebendo a importância que o ato de falar tem em sua vida, para pedir ajuda, para se comunicar e para prazer pessoal, ao ouvir uma história, por exemplo, ela descobre as diversas facetas que a fala possibilita, o tom, o silêncio, a rima, sabendo diferenciar cada significado para isso. Com isso, a criança aprendeu as competências da oralidade, o ato de falar e de ouvir.

A oralidade está presente no dia-a-dia e é inerente ao ser humano, com ela o homem e a mulher, o bebê e a criança desenvolvem sua identidade pessoal e também sua identidade de grupo, descobrem quem são e quem querem ser. Para Carvalho e Ferrarezi (2018, p.17), “nossa oralidade pinta um retrato de nós para os outros, um retrato tão forte que pode ocultar a imagem exterior que os outros conseguem ver. Não raro as pessoas nos enxergam mais pelo que falamos do que por nossa aparência física”.

Portanto, falar é um ato inerente ao ser humano que convive e vive em sociedade, aprendendo desde bebê com seus responsáveis a desenvolver esses instrumentos de sobrevivência. A oralidade é subsequente à fala e proporciona-se uma visão dos grupos e da própria identidade do ser humano em desenvolvimento. Por isso, ensinar a oralidade nas escolas influencia diversos aspectos da vida em sociedade e é de fundamental importância. Ou

seja, como explicita Carvalho e Ferrarezi (2018), ao ensinar e vivenciar com as crianças a oralidade, seja na disciplina de português ou de forma interdisciplinar, fomenta a compreensão do seu papel no reconhecimento de uma cultura; podendo explorar diversas práticas de linguagens; sejam artísticas, corporais e linguísticas; utilizar diferentes linguagens (verbal e escrita) para defender pontos de vista, resolver discussões.

O eixo de oralidade necessita de maior visibilidade nos planejamentos e vivências em sala de aula, já que não se limita ao falar, mas se desenvolve a partir disso e está presente em diversas fases da vida do ser humano. A oralidade não pode ser relegada a algo supérfluo, necessidade de continuidade e constância, como destacam Carvalho e Ferrarezi (2018). Os professores necessitam de propostas de atividades que englobam todas suas competências e especificidades.

No próximo item será explanado sobre como a oralidade surgiu no contexto de ensino e sua desvalorização em detrimento da escrita no contexto social e capitalista. Além de uma discussão mais aprofundada sobre a importância da oralidade no ambiente escolar.

2.3 Oralidade deixada de lado na escola/sociedade e a importância da oralidade

A oralidade e a fala estão presentes na vida do homem e da mulher desde muito cedo, facilitando as formas de comunicação, o surgimento da sociedade e a construção de uma identidade pessoal e grupal, como explicitaram Carvalho e Ferrarezi (2018). A escrita e a leitura surgiram como uma forma de registrar a oralidade, como um complemento ou forma de relatar o que se foi falado. No entanto, com todas as sociedades do mundo, muitas não se utilizavam desses arremedos e ficavam apenas com a oralidade, como as histórias ao redor da fogueira que passavam de geração para geração.

No Brasil, a oratória era uma disciplina de grande prestígio e ensinada nas escolas, quem sabia falar, articular e ter um bom discurso estava nos altos níveis da sociedade e era bem referenciado. A partir do século XIX, segundo Ferreira (2014, p.21), "a oratória, o estudo do bom discurso começou a apresentar uma diminuição na sociedade brasileira, devido aos poucos recursos que tanto os livros didáticos quanto os professores tinham nas metodologias para uma bom ensino da oratória". Ou seja, sempre existiu um desafio para ensinar a oralidade, devido às dificuldades e a falta de suporte para implementá-las na escola.

Com o tempo, criou-se um maior apreço na sociedade pela leitura e, principalmente, pela escrita. A escrita passou a ocupar um lugar significativo e de destaque.

Grande parte disso se deve ao fato que a escrita e a leitura não são inerentes ao ser humano, porque ambas necessitam de aprendizado e isso tornou-se um símbolo de poder de classes na sociedade, como uma forma de segregação entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. Para Carvalho e Ferrarezi (2018, p.19) “A valorização das coisas está diretamente ligada a quem as possui, a quem gosta delas, a quem tem acesso a elas, a quem as usa (ou afirma publicamente que as usa)”.

Ou seja, a oralidade começou a disputar espaço com a escrita, muitas vezes uma se sobrepondo à outra. Assim como diz Marcuschi e Dionísio (2007):

Em geral, a visão da oralidade nos manuais escolares é muito superficial e pouco explícita. Não raro é também equivocada e confunde a análise da oralidade com algumas atividades de oralização da escrita. Toma a escrita como um padrão linguístico no qual se define o que é certo e errado, sem atenção para a diversidade da produção textual. (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 29)

Com isso, torna-se fundamental a discussão sobre a importância que não só a escrita tem no aprendizado das crianças, mas a importância da oralidade no ambiente escolar, sua influência em relação a vida desses alunos no agora e futuramente, para saber se expressar e comunicar nos diversos ambientes no qual se ocupa.

No entanto, atualmente o trabalho com a oralidade, em muitas escolas, tem sido limitado ao acompanhamento da escrita, reproduzindo oralmente o que as crianças ou jovens leem do papel. Não há uma valorização das práticas orais nas escolas, deixando, em muitos casos, a cargo da matéria de português desenvolver algumas atividades voltadas para tal conteúdo. Como salienta Marcuschi (2007) ao discorrer que há uma pressuposição que trabalhar a oralidade dos alunos não é necessário a partir do momento que os alunos já dominam a conversação tornando, então, a escrita o principal foco nas escolas.

Antunes (2003) salienta que essa visão da escrita em detrimento da oralidade ocorre a partir do momento que a oralidade não é vista como objeto de exploração em sala de aula. A oralidade é notada como um modelo sem regras, informal e meramente utilizada como reprodução e não produção. No entanto, ainda segundo essa autora, a oralidade também exige certo planejamento, mesmo que seja organizada quase que de modo simultâneo (dependendo do contexto) e está presente em ambientes formais, como em palestras, audiências, etc. Como explica Antunes (2003):

Assim, não tem sentido a idéia de uma fala apenas como lugar da espontaneidade, do relaxamento, da falta de planejamento e até do descuido em relação às normas da língua-padrão nem, por outro lado, a idéia de uma escrita uniforme, invariável, formal e correta, em qualquer circunstância. Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou

menos, "cuidadas" em relação à norma-padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso. (ANTUNES, 2003, pág. 99,100).

Atualmente, é comum na sociedade uma grande quantidade de pessoas que têm poucas habilidades de se expressar e comunicar oralmente. Muito disso deve-se às escolas que apostam em uma ideia de que o aluno apenas é bom quando está calado e pouco aposta em desenvolver a oralidade de forma mais abrangente. Como explana Carvalho e Ferrarezi (2018):

Meninos e meninas monossilábicos que sobrevivem sem a competência de expor suas ideias com clareza e a coragem de abrir a boca diante de gente “mais importante”, porque lhes foram negados os meios para seu desenvolvimento integral. Gente com potencial, mas só isso. Potencial que nunca foi explorado, que nunca foi treinado, que nunca foi utilizado para coisas úteis, porque todas as vezes em que abriram a boca - ou tentaram - foram tratados como criminosos da escola, gente sem educação e sem respeito (...) (CARVALHO; FERRAREZI, 2018, p.22, 23).

É inevitável a necessidade de resgate da oralidade, já que a linguagem oral é parte intrínseca e de grande importância para todas as pessoas viverem e conviverem na sociedade, isto é, como se comunicam, buscam informações e explanam suas ideias. O papel da escola está em possibilitar às crianças a desenvolverem os meios de utilizarem a oralidade em diversas áreas da vida, ampliando as possibilidades do desenvolvimento de uma criança/sujeito crítico. Segundo Chaer e Guimarães (2012):

Expressando-se oralmente, a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, desenvolve a argumentação, comunica-se com facilidade, além de se preparar para um futuro profissional no qual ela seja capaz de expressar em público seus conhecimentos e ideias. Deste modo, o desenvolvimento da oralidade significa para ela uma habilidade imprescindível para o convívio social nas mais diversas instâncias (CHAER; GUIMARÃES, 2012, p.73).

A oralidade faz parte da educação nas escolas há muito tempo, com a oratória com bastante destaque nos espaços de educação, que com o tempo foi cedendo espaço em detrimento da escrita e perdendo bastante de sua notoriedade nos ambientes escolares. Hoje em dia, no ambiente escolar, ainda é trabalhada, mesmo que ainda seja comum ser notada como algo que não necessita de um ensinamento, que a criança aprende apenas com o convívio com os familiares.

No próximo item será explanado e discutido como o currículo educacional busca contemplar a competência da oralidade e como os professores e a escola conseguem, ou não, trabalhar com esses elementos ao longo da jornada educacional das crianças no ensino fundamental.

2.4 Oralidade no currículo e responsabilização nos professores e no suporte didático

A linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim, ela amplia nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

Para muitos ainda existe a visão de que a comunicação, a oralidade se desenvolve nas pessoas de forma espontânea, muito desse pensamento influencia na negligência em relação ao eixo da oralidade nas escolas. Carvalho e Ferrarezi (2018) descreveram a preferência de muitas escolas pela escrita dos alunos e o seu silêncio, muitas vezes impossibilitando esses alunos de aprender as diversas formas de comunicação oral, de conseguir se expressar e argumentar oralmente. Por isso, faz-se necessário entender e discutir qual suporte em documentos oficiais existe sobre esse eixo.

A oralidade começa a ser referenciada na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1996 ao utilizar da oralidade no processo de avaliação dos estudantes, inteiramente no foco como instrumento avaliativo, como o uso de seminários para avaliar outros conteúdos e não como um objeto de exploração. É bastante comum, até os dias de hoje, a oralidade ser utilizada como instrumento avaliativo, esquecendo-se de seu caráter como objeto de exploração.

A própria legislação brasileira dá seu aporte para o foco no eixo da oralidade, como o PCN (Parâmetro Curriculares Nacionais) que informa que não é a função da escola ensinar o aluno a falar, já que a criança aprende essa habilidade muito antes de chegar à escola, quando observa e convive com as pessoas ao seu redor. Esse é um dos motivos pelos quais a oralidade foi aos poucos se perdendo do ambiente escolar, esquecendo-se as diferentes nuances da oralidade. No entanto, o PNC destaca a importância de trabalhar a oralidade além de momentos oportunos, fazendo bom uso do espaço de interação social que a escola tem para ensinar usos e formas de se aplicar a língua oral. No PCN houve a inclusão da oralidade, da escuta do oral. O oral era enfatizado como objeto de exploração em sala de aula, com os gêneros orais, tais como seminários, o uso do tom, da postura, do movimento, etc.

Sobre o papel da escola na oralidade os PCN's acrescentam:

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. São essas situações que podem se converter e nas situações de aprendizagem sobre os usos e as formas da língua oral (Brasil, 1997, p.49).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao falar sobre os conteúdos que devem englobar o ensino de Língua Portuguesa, há o eixo de oralidade que de acordo com o documento esclarece que:

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação (Brasil, 2017, p.77-78).

Nesse documento (BNCC) o eixo de oralidade é descrito para ser desenvolvido de três formas: leitura oral, oralização de textos escritos e oralidade espontânea. Há uma ênfase na utilização de gêneros orais, com práticas de leitura, escuta/compreensão, produção de textos e análise linguística/semiótica. Assim como produção e análise de textos orais e suas nuances, como clareza, contexto, variedade, estilo, etc.

A importância da oralidade, da escrita e da fala e escrita serem desenvolvidas no processo de ensino das crianças de modo conjunto não significa, como esclarece Marcuschi e Dionísio (2007), sobrepor uma à outra, mas ressaltar a importância que ambas representam para essas crianças, que estarão na sociedade futuramente e precisarão, assim como já precisam se comunicar tanto por meio da fala como pela escrita.

A comunicação, a capacidade de se expressar e argumentar são alguns dos fatores que se desenvolvem com o estudo da oralidade nas escolas. Mas além disso existe o valor identitário que a oralidade carrega, auxiliando na possibilidade de se expressar em diferentes esferas sociais, na formação de cultura e também na escrita em si, como expõem Carvalho e Ferrarezi (2018).

Mesmo com esse aporte no currículo, as escolas ainda enfrentam grande dificuldade em inserir a oralidade no ensino das crianças e muito dessa responsabilidade é direcionada aos professores em frente às salas de aulas.

Essa responsabilização sobre os professores deveria ser levada a discussão já que é necessário entender que o ensino da oralidade, de acordo com Carvalho e Ferrarezi (2018), necessita de significação, de sentido para atender a seu propósito, indo muito além de abrir para o diálogo com os alunos, precisa de planejamento e intenção. Ferreira (2014) explica que os livros didáticos devem auxiliar os professores nesse processo, mas é bastante comum a

ausência de conteúdos que priorizem a oralidade para que atendam as demandas, tais como o trabalho com gêneros orais (formais e informais), conhecer e explorar diversas práticas de linguagem, aprender a ouvir e a se expressar, etc.

Com isso, ainda segundo a autora, na maioria dos casos o problema da falta de desenvolvimento da oralidade nas escolas recai sobre os ombros dos professores. Em um quadro geral, de acordo com Rojo (2003), o problema com o ensino desse eixo parte também dos próprios livros didáticos que não apresentam um aporte significativo sobre essa temática e deixam os professores perdidos, em muitos casos, sobre como abordar e desenvolver práticas de ensino sobre esse tema, ou de modo interdisciplinar, englobando outros conteúdos curriculares.

O professor, em frente a sala de aula, encontra problemas em desenvolver atividades que prezam a oralidade por uma série de fatores que envolvem o ensino. Por exemplo, como cita Ferreira (2014):

Assim, é preciso considerar a existência de uma complexa teia em relação ao trato da oralidade, pois, como observamos, o problema não está somente nas mãos do professor que tem poucos subsídios para a concretização do ensino da língua oral, uma vez que tem de seguir indicações de manuais, de coordenadores pedagógicos, do grupo gestor; tem de cumprir carga horária, planos da escola, além, de, muitas vezes, não ter oportunidade de aprender na academia como ensinar a língua oral. (FERREIRA, 2014, p.46)

Contudo, os professores, mesmo com essas dificuldades buscam inserir a oralidade em suas práticas de ensino. Mendes (2005, p.83) reconhece “que não há uma tradição de ensino da linguagem oral nas nossas escolas; daí não ser espantoso que a maioria dos professores tenha uma visão pouco clara desse desafio.”.

Portanto, com todas as dificuldades e responsabilidades sobre os professores vale destacar que muitos ainda buscam formas de inserir a oralidade em suas práticas e atividades desenvolvidas, mesmo que contemple, ou não, todas as demandas presentes no currículo ou não tenham suportes didáticos nos quais se embasar. No próximo tópico, será explanado sobre essas práticas e atividades e como elas podem ou são desenvolvidas em sala de aula para contemplar o ensino de oralidade para as crianças.

2.5 Práticas e atividades do professor com a oralidade

Desenvolver a oralidade, sua função comunicativa e social nas práticas educativas não é uma tarefa fácil e exige uma finalidade para sua proposta, na qual precisa incentivar as

crianças a explorar sua oralidade nos diversos âmbitos e desenvolver sua fala, tanto a formal, quanto a informal, reconhecendo as diversas formas de expressão dentro de um grupo diversificado. Assim como reconhece Chaer e Guimarães (2012):

(...) o trabalho com a oralidade deve acontecer no interior de atividades significativas. É fundamental que essas atividades se organizem de tal maneira que os alunos transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e formais, para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las. (CHAER; GUIMARÃES, 2012, p.06).

O professor, como uma das pessoas mais presentes na vida e cotidiano das crianças, necessita de mecanismos e de planejamento para inserir o ensino da oralidade de forma ampla no cotidiano dessas crianças. Como diz Brito (2019, p.28,29) incentivando a comunicação, o pensamento inventivo e a imaginação da criança.

Além desse planejamento, os autores Carvalho e Ferrarezi (2018) salientam que os professores precisam, diariamente, trabalhar com as dificuldades, inseguranças e timidez de muitas crianças de se expressarem verbalmente, já que constantemente são incentivadas a mais ouvirem do que falarem. Os autores ainda informam que essas crianças necessitam de estímulos para estarem mais ativamente presente nas atividades propostas, com a proporção de um ambiente que as façam sentir seguras e ouvidas. Conhecer as crianças que estão presentes na sala é a principal tarefa do professor ao desenvolver atividades de oralidade para que englobem todos.

Para ensinar a oralidade, de acordo com Ferreira (2014, p.42), “precisa ficar claro aos alunos que a língua é viva, heterogênea, multifacetada, variável e que, portanto, há variedades linguísticas e que todas merecem ser respeitadas.”. Ou seja, cada criança, a partir de sua criação e vivência, traz diferentes formas de se expressar e comunicar.

Para desenvolver esse entendimento sobre a oralidade com as crianças, algumas das atividades mais utilizadas são, como cita Chaer e Guimarães (2012, p. 77): a música, a roda de conversa, a leitura, o reconto de histórias, etc. Todos os exemplos citados anteriormente fornecem algum desenvolvimento da oralidade e são comuns para as crianças, possibilitando uma diversidade de conhecimentos.

O Referencial Curricular Nacional (1998) reforça que a roda de conversa e a leitura são essenciais, já que roda de conversa é um momento de troca de ideias, no qual as crianças exploram sua capacidade de comunicação, aumentando seu vocabulário e possibilitando uma troca de experiência, assim como a leitura possibilita o desenvolvimento da atenção e da escuta da criança.

A recontação oral de histórias é uma prática bastante rica para trabalhar com a oralidade. Ao recontar uma história as crianças precisam estar atentas, ouvir para conseguirem reproduzir a história do modo como interpretaram a partir de sua imaginação. Chaer e Guimarães (2012, p. 79) apontam que a recontação de histórias “além de incentivar o gosto pela oralidade, constitui uma importante estratégia de avaliação do desenvolvimento linguístico da criança, observando-se como esta se expressa oralmente neste momento”.

A oralidade, de acordo com Carvalho e Ferrarezi (2018), necessita ser desenvolvida de uma forma mais simples e ao longo dos anos escolares chegar em um desenvolvimento mais complexo. Por exemplo, iniciar o trabalho com o gênero conversa, de forma mais tranquila e coloquial, ensinando o tempo de escuta e fala, trabalhando na tolerância e respeito das crianças com o outro, com sua linguagem para eliminar o possível preconceito linguístico e, de certa forma, social. Salientam que esse planejamento não deve ocorrer apenas no final do ano, com um trabalho solto e final, deve ser contínuo, constante e com retomadas ao longo de todo o ano. Desde de cedo a oralidade é importante para o quanto antes serem desenvolvidas pessoas sem timidez, que dominem e tenham facilidade com gêneros orais. Os autores lembram de reforçar, ao longo do trabalho, itens básicos como a paciência, afeto, tolerância, respeito, valorização do processo, estímulo positivo e feedback positivo.

Ao tratar a oralidade com superficialidade, Carvalho e Ferrarezi (2018) apontam que:

É essa escola silenciadora que educa nossos filhos e filhas no Brasil e que, depois, quer que os alunos recitem poesias no sarau do Dia do Livro. Aí a meninada fala “para dentro”, gagueja, treme as pernas, não sabe se expressar e os outros riem. A escola olha e diz: “São pequenos, um dia eles aprendem”. E tudo fica do tamanho que está, mas com mais gente que tem medo de falar e que não sabe ouvir. Infelizmente, não aprenderão se não lhes for ensinado. As competências mais complexas da oralidade demandam ensino formal e sistemático: não são um “dom” que qualquer um vai receber magicamente quando ficar mais velho. (CARVALHO; FERRAREZI, 2018, p.23).

O trabalho com a oralidade não é simples e precisa de um direcionamento, os professores necessitam conhecer suas crianças para entender como trabalhar com os recursos da oralidade, sempre lembrando que trabalhar com a oralidade envolve muito mais do que saber falar.

Os gêneros orais, por exemplo, de acordo com Cereja (2020) têm estrutura, regras e procedimentos ao serem aplicados, como quais estruturas linguísticas utilizar, quais equipamentos de suporte serão necessários, quais procedimentos, etc. O autor ainda salienta que há uma infinidade de gêneros orais que podem e devem ser trabalhados com as crianças, como conversa telefônica, poema, cantigas. No entanto, o professor necessita desenvolver seu

trabalho não apenas para gêneros orais ou oralidade, deve haver um trabalho conjunto para o desenvolvimento pleno das capacidades das crianças.

Para se trabalhar com a oralidade, segundo Antunes (2003, p. 100), necessita-se entender que: há uma variedade de tipos e gêneros orais (canção, cordel, entrevista, propaganda, audiobook, podcast, etc); que existe uma necessidade de reconhecimento do momento de ouvir e falar de cada indivíduo; que há a necessidade de exploração da entonação dos gestos e movimentos; é preciso respeitar a fala do outro (convívio social); há existência de elementos suprasegmentais (pausas, alongamento, tom de voz).

As práticas com a oralidade precisam envolver as crianças, instigar a imaginação, a criatividade, possibilitar que escutem e sejam escutadas. Os professores, ao desenvolverem seus planejamentos, devem estar atentos a como utilizam-se dos recursos para se trabalhar com oralidade, não esquecendo-se de usá-la como objeto de exploração, utilizando os gêneros orais ao longo de todas as aulas, criando métodos para a compressão das crianças das peculiaridades e diferenças linguísticas, mas sempre com respeito.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho utilizou-se uma abordagem qualitativa, ou seja, buscou-se ater a discutir e refletir sobre o levantamento de dados, levando em conta um ponto mais descritivo e com possibilidade de criar as próprias hipóteses e não se submeter a quantidades. Assim como diz Martins (2004, p.292) ao relatar que “os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador”. Vale destacar também que esse tipo de pesquisa tem “[...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números [...]” (GIL, 2009, apud, MATIAS-PEREIRA, 2012, p.87).

Esse capítulo foi organizado em dois subitens: o contexto e os participantes da pesquisa e os procedimentos para geração de dados.

3.1 O contexto e os participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com 3 professoras do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de educação da cidade de Pacajus, Ceará. As três professoras atuavam em escolas diferentes situadas em bairros bem localizados do município, que geralmente atendem a classe média.

A escolha dos participantes da pesquisa priorizou as professoras que lecionam turmas do 2º ano do Ensino Fundamental e que concordaram em disponibilizar um planejamento de aula envolvendo o eixo de oralidade.

Com relação às professoras que participaram desta pesquisa, informamos que para fins de preservar suas identidades, elas foram identificadas como professora A, professora B e professora C.

A professora A está na faixa etária de 20 a 30 anos, é graduada em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), atua na rede privada de ensino e possui dois anos de experiência na área. Na sala de aula do 2º ano do Ensino Fundamental, onde ela é professora, há 34 alunos.

A professora B também está na faixa etária de 20 a 30 anos, é graduada em Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e atua na rede privada de ensino. Seu tempo de experiência como professora é de 13 anos e há 12 alunos na sua atual turma de 2º ano do Ensino Fundamental.

A professora C está na faixa etária de 31 a 40 anos, é graduada em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC) e atua na rede privada de ensino. Há, na sua turma, 18 alunos. Seu tempo de experiência como professora é de 1 ano.

3.2 Os procedimentos para geração de dados

A coleta de dados ocorreu a partir de um questionário disponibilizado para as professoras por meio da plataforma do Google Formulários (Apêndice A), tendo em vista a Pandemia de Covid-19, que impossibilitou o contato presencial. O formulário continha perguntas de escolha, e outras perguntas a serem respondidas de forma escrita, caracterizando a pesquisa com dados para análise de forma qualitativa. O questionário segundo Gil (2011, p.121) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças [...]”.

O questionário tem como objetivo compreender como as professoras se organizam para desenvolver o eixo oralidade em sala de aula com as crianças, quais as dificuldades que elas enfrentam, dentre outras questões. As perguntas foram desenvolvidas para compreender e entender cada professora individualmente, no contexto escolar que estão inseridas, tais como escola, número de alunos, suas dificuldades, o auxílio da rede e do livro didático, etc.

A geração de dados também ocorreu por intermédio da análise documental, no qual foram disponibilizados pelas três participantes da pesquisa um plano de aula que envolvesse a prática com o eixo de oralidade. Gil (2011, p.51) afirma que “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.”.

A análise dos planos de aula teve como objetivo compreender como as professoras buscavam inserir os aspectos da oralidade no ensino com as crianças, quais as metodologias e os embasamentos que elas utilizavam e se elas atendiam às demandas do eixo de oralidade orientadas pelos documentos oficiais.

Portanto, foram utilizados nesta pesquisa, a análise documental e o questionário, para ampliar as questões e visões de como as professoras que estão atualmente em sala de aula compreendem e desenvolvem mecanismos, práticas e atividades para que o eixo de oralidade seja trabalhado em sua plenitude, atendendo as demandas dos documentos legais, e

englobando as necessidades de aprendizado sobre a oralidade, assim como os suportes que recebem, livros didáticos, formações, etc.

No capítulo seguinte serão analisados os dados.

4 ORALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: ATIVIDADES E PRÁTICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PRIVADA DE ENSINO

O presente capítulo objetiva analisar os dados colhidos para a elaboração da pesquisa e está dividido em dois subtópicos: 4.1 As atividades de oralidade desenvolvidas pelas professoras participantes da pesquisa; 4.2 Os materiais didáticos usados pelas professoras que contribuem para o desenvolvimento da oralidade. Nas duas categorias de análise, serão utilizadas respostas dos questionários (Apêndice A) aplicados com as professoras e a análise de seus planejamentos (Anexo A, Anexo B e Anexo C), se centrando sobre as atividades com o eixo de oralidade.

4.1 As atividades de oralidade desenvolvidas pelas professoras

Neste subitem as perguntas direcionadas às professoras tinham como intuito contemplar o objetivo geral que consiste em verificar em que medida as atividades propostas por professores do 2º ano do ensino fundamental podem promover o desenvolvimento da oralidade das crianças. Além de responder ao primeiro objetivo específico da presente pesquisa de analisar as atividades de oralidade desenvolvidas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental.

Quando perguntado às professoras sobre o conceito de oralidade, a professora A respondeu que a oralidade é apenas como se fala, algo inerente ao ser humano. Dessa forma ela não expandiu os domínios sobre o conceito de oralidade, ao responder que a oralidade é a *Maneira de falar do indivíduo* (Professora A). A professora B conceituou e frisou a oralidade apenas em seu âmbito de instrumento avaliativo ao afirmar que oralidade é *Ter clareza, domínio de conteúdos, se posicionar diante dos fatos em sala de aula*. (Professora B). No entanto, a professora C ampliou o conceito de oralidade ao destacar que entende *como uma prática social que nos acompanha por toda vida, desde que somos bebês. Está muito ligado a fala, porém está ligada também a escrita, lembrando que não podemos separá-las*. (Professora C). Vimos que a professora C destacou as fases do processo de desenvolvimento da fala e fez a conexão com a escrita.

É possível observar, de um modo geral, que as três professoras correspondem à oralidade com a fala, visto que tanto a professora A como a B não ampliam seus entendimentos sobre oralidade. Sabemos que a fala faz parte da oralidade, mas não se resume

a ela. A fala se desenvolve ao longo do crescimento, no qual o bebê/criança vai aprendendo e construindo os diálogos. A oralidade deriva desse poder de fala, buscando significados e intenções nas práticas sociais, construindo identidades. Sobre oralidade como parte intrínseca do ser humano Carvalho e Ferrarezi (2018, p.17) descrevem que “Negar a alguém sua oralidade é negar-lhe seu “eu” ”. Retomando ao dados, as respostas das professoras não foram detalhadas o suficiente para englobar as nuances do termo oralidade, no qual a fala está presente, assim como a escrita. Tendo em vista que a oralidade apresenta seus próprios elementos, tais como as habilidades de falar e escutar; a variedade de gêneros orais; a possibilidade de ser informal e formal, etc. Antunes (2003, p.25) destaca esse ponto ao escrever que há:

uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada; nesse contexto, predominam os registros coloquiais, como a "conversa", “a troca de idéias”, “a explicação para o colega vizinho” etc. Na verdade, o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais, sem que se promova uma análise mais consistente de como a conversação acontece (ANTUNES, 2003, p.25)

Quando foi indagado se as professoras achavam importante o trabalho com o eixo da oralidade, todas elas concordaram plenamente. Justificando que *A boa oralidade do aluno é importante para que o mesmo desenvolva uma leitura e uma escrita melhor, tendo em vista que na maioria das vezes, o aluno escreve a palavra da mesma forma que pronuncia.* (Professora A). Já a professora B respondeu que é importante *Porque através da oralidade que atingimos os objetivos proposto em planejamentos.* (Professora B). Para a professora C a oralidade é importante *pois através dela é possível o desenvolvimento e compreensão das pessoas, do que lemos, além de nos conectar com o mundo.* (Professora C).

É possível observar, com essas respostas, que para a professora A nota o eixo de oralidade é uma base para desenvolver a escrita e a leitura, portanto ela não destaca nenhum ponto em que a oralidade em si é importante para as crianças. Por exemplo, como desenvolver crianças mais confiantes ao falar, o respeito linguístico, para que ela possa compreender o convívio social com a diversidade linguística. A professora B apresenta uma visão que frisa a oralidade sendo utilizada apenas como instrumento avaliativo, esquecendo-se do seu uso como objeto de exploração, para trabalhar com diferentes gêneros orais, assim como a tonalidade, postura, etc. A professora C destaca que a oralidade nos conecta com o mundo e auxilia a compreender as pessoas, demarcando seu entendimento de oralidade como identidade pessoal e de grupo, como importante para o convívio em diversas camadas sociais.

Quando foi perguntado sobre qual era a importância de se trabalhar com o eixo de oralidade para os alunos, a professora B apenas afirmou que é importante para *Trabalhar a desenvoltura do aluno conforme sua peculiaridade*. (Professora B). Enquanto as professoras A e C destacaram que ajuda a *Melhorar a escrita, leitura e automaticamente melhorar a aprendizagem e o desenvolvimento do mesmo*. (Professora A) e é uma forma *De conectar os alunos com o mundo, que eles possam entender aquilo que leem e escrevem, que possam identificar gêneros textuais, construir diálogos*. (Professora C).

Na resposta da professora B não encontramos informações suficientes para se entender o que ela compreende por peculiaridades. A professora A destaca, principalmente, um ponto que deve ser trabalhado no eixo de oralidade, citado pela BNCC, que é a oralização dos textos escritos. Mas, essa professora não ressalta os outros pontos, como a leitura oral e a leitura espontânea. No entanto, a professora C pontua novamente a importância da oralidade para se conectar com o mundo e cita a construção de diálogos. Assim como explica Carvalho e Ferrarezi (2018, p.17) “Nossa oralidade nos conecta ao mundo e nos representa como um-ser-no-mundo, um ser peculiar, único, complexamente singular.”.

Quando indagado sobre se e quais orientações receberam para o trabalho com o eixo de oralidade enquanto se formavam e/ou quando já formadas e exercendo a profissão, a professora A disse apenas que *Sim !*, mas não especificou quais. A professora B disse *Sim. Na formação da rede (SAE digital)*. (Professora B) e a professora C disse que *Na universidade e na escola onde trabalho*. (Professora C). Apesar de curtas respostas, compreendemos que, de certa forma, as escolas e as universidades percebem que o ensino da oralidade necessita de compreensão para seu planejamento dentro das salas de aulas, com as crianças.

Quando perguntado se as professoras trabalham a oralidade nas suas aulas e de que forma, a professora B e C citaram a utilização de gêneros orais e práticas para trabalhar a oralidade como objeto de exploração. *Na construção de histórias, principalmente diálogos de personagens. Os mais diversos gêneros textuais, assim como a função social dos textos estudados, como: poemas, texto instrucional, lendas brasileiras, entre outros*. (Professora C) e *Através de rodas de conversa, brincadeiras, entrevistas...* (Professora B). Já a professora A respondeu que trabalha *Através de ditados, onde eu dito a palavras e eles escrevem da forma como eu falo*. (Professora A).

As professoras B e C demonstram certo conhecimento de práticas para o desenvolvimento da oralidade nas crianças, quando mencionam a realização de contação de histórias, o uso de gêneros textuais como poemas e entrevistas, e a realização de roda de

conversas. Trata-se de propostas que podem contribuir para o desenvolvimento oral das crianças. Todas elas podem e auxiliam no trabalho contínuo, constante e com retomadas. Elas também auxiliam na valorização do processo, ao se construir uma história contada, por exemplo, são modos de explorar o eixo de oralidade. No entanto, a professora A, ao citar apenas o ditado, demonstra pouco entendimento das nuances em que a oralidade pode ser desenvolvida, focando em uma reprodução escrita do que a professora fala, principalmente como método de avaliação da escrita de palavras das crianças.

Observando os planejamentos disponibilizados pelas três professoras, foi buscado averiguar o que pode ser verificado neles como atividades que tinham como objetivo práticas com o eixo de oralidade.

A professora A buscou trabalhar em seu planejamento a matéria de português, utilizando-se a produção textual. Para isso, utilizou exercícios do livro para sua prática e enunciou a oralidade. No entanto, o planejamento não foi detalhado o suficiente para ser explorado se o eixo de oralidade foi desenvolvido de forma plena no decorrer de seu plano, já que nada foi exposto além de oralidade, produção textual e atividades do livro. É possível exercitar a produção textual e fazer uso da oralidade, mas a professora não especificou como e se fez isso, informando apenas as páginas de exercícios dos livros.

A professora B, em seu planejamento, tinha como objetivo trabalhar a área de conhecimento em ciências humanas e utilizou-se de práticas como *Aprender a conversar em roda; Perceber a importância de ouvir e ser ouvido numa conversa*. Seu conteúdo principal estava focado em desenvolver a conversa em roda, além de atividades do livro e da folha. Apesar de não especificar como esse trabalho seria desenvolvido, é interessante observar que a professora não se ateve somente a matéria de português para desenvolver a oralidade, utilizando-se da roda de conversa para explorar o conteúdo. Chaer e Guimarães (2012, p.77) “Na roda o professor consegue dispor várias situações de trabalho com a oralidade. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os colegas, trocando experiências e aprendendo as atitudes corretas de ouvinte e de falante.”

A professora C foi mais detalhada em seu planejamento, especificando como utilizaria o gênero textual anúncio, empregando o diálogo com os alunos sobre a temática, questionando as crianças. Desse modo, essa professora, fez uso da contação de história para criar uma situação em que as crianças precisariam produzir um anúncio sobre conscientização do desperdício de água, como recursos extras foi utilizado a música e atividades do livro didático. É notável o domínio da professora C sobre práticas de oralidade, já que utilizando-se

da interdisciplinaridade (ciências e português) para ensinar o gênero textual anúncio (uso da escrita), conseguiu inserir a oralidade em todas as suas partes. Primeiro, ao trabalhar na compreensão do gênero, promovendo o diálogo com as crianças sobre o assunto onde todos poderiam ouvir e escutar, saber se expressar, etc. Depois com a contação de história, ao criar uma situação que as crianças precisam ouvir com atenção para criarem uma anúncio de acordo com que a história pedia e por fim, como recursos extras, livro didático e a música. Chaer e Guimarães (2012, p.77) apontam que “quando o professor trabalha a música com seus alunos, ele está estimulando a sensibilidade à entonação, ao ritmo, ao timbre e ao poder emocional da música. Mas está trabalhando também o texto oral, o vocabulário, a pronúncia das palavras.”

A partir disso, vimos que as três professoras, em suas práticas, utilizam atividades do livro didático como complemento (Professoras B e C) ou como foco principal de sua prática (Professora A). Tanto a roda de conversa (Professora B) e o trabalho com o gênero textual anúncio (Professora C) foram usados pelas professoras e atendem a demandas presentes para se responder o eixo de oralidade, sendo utilizadas como objeto de exploração. A Professora A, no entanto, apresentou um planejamento pouco detalhado sobre o uso da oralidade em sua prática.

O próximo subitem apresenta os resultados sobre os materiais didáticos usados pelas professoras que contribuem para o desenvolvimento da oralidade.

4.2 Materiais didáticos usados pelas professoras que contribuem para o desenvolvimento da oralidade

Neste subitem as perguntas direcionadas às professoras tinham como intuito contemplar o segundo objetivo específico da presente pesquisa que consiste em avaliar os materiais didáticos utilizados por professoras do 2º ano do Ensino Fundamental para o desenvolvimento da oralidade das crianças.

Quando perguntado às professoras sobre a utilização do livro didático adotado pela escola no trabalho com a oralidade, as professoras escolheram suas respostas entre as opções ‘discordo totalmente’ ‘discordo parcialmente’ ‘indiferente’ ‘concordo parcialmente’ ‘concordo totalmente’. A professora A respondeu que era indiferente, a professora B concordou totalmente e a professora C concordou parcialmente.

No questionário também indagamos como o livro didático auxiliava no planejamento de suas atividades com o eixo de oralidade. A professora A respondeu que o trabalho com a oralidade em sua sala de aula ocorria *através de atividades extras*. (Professora A). A professora B respondeu que o livro *Sugere temas conforme conteúdos e didática do professor*. (Professora B) e a professora C respondeu que *A escola que trabalho segue uma metodologia diferenciada, não necessariamente precisamos utilizar os livros em todas as aulas, os professores são livres para apresentar o conteúdo e construir a oralidade do aluno da forma que ele acredita que seja interessante para a criança. Podemos usar recursos digitais e físicos para isso. O auxílio do livro didático está mais na resolução de algumas atividades, na sua praticidade e na insistência de alguns pais no seu uso. Em alguns momentos o uso se torna interessante pois traz recursos adequados a alguns gêneros textuais*. (Professora C).

Com isso, é possível observar que as três professoras utilizam o livro didático como um suporte para suas atividades. Dessa forma, com as respostas das professoras, compreendemos que provavelmente, para essas professoras o livro didático adotado em sua escola não fornecia material significativo para desenvolver atividades práticas de oralidade com os alunos. Neste sentido, elas utilizavam o livro apenas como um recurso extra de resolução de atividades, e até relataram a insistência dos pais para que o livro fosse usado nas atividades em sala de aula. Assim como diz Santos (2013):

O tratamento dado à oralidade nos livros didáticos, não condiz com a real necessidade que o trabalho com a oralidade merece. Além de ser muito restrito, o trabalho com a oralidade é abordado de forma errada, ou seja, há poucas atividades que são jogadas como propostas de oralidade, só porque abordam a oralidade, isto é, exercícios que abordem o oral que citem a língua falada ou que, apenas, faça reflexões sobre ela, são considerados exercícios de oralidade. Mas que acabam se tornando em atividade escrita. É o que podemos chamar de oralização da escrita. (SANTOS, 2013, p.24)

Quando perguntado se as professoras utilizavam gêneros orais em sala de aula, quais e como esse trabalho ocorria, entre as opções ‘discordo totalmente’ ‘discordo parcialmente’ ‘indiferente’ ‘concordo parcialmente’ ‘concordo totalmente’, as professoras concordaram totalmente. A professora A disse que desenvolvia *Através de ditados ortográficos, escutando a leitura da criança e trabalhando em cima das dificuldades de cada aluno, sempre ensinando a pronúncia correta das palavras e mostrando a diferença dos sons de cada letra*. (Professora A). A professora B respondeu que *Através de seminários, rodas de conversas, pesquisas, entrevistas...* (Professora B). A professora C respondeu que utilizava *bastante os debates, além da construção de um projeto multidisciplinar onde eles encontram uma problemática e devem solucionar um problema. Realizamos diversas atividades em grupo,*

mesmo que em tempos de pandemia esteja mais complicado. Além do processo de leitura e escrita. (Professora C).

De acordo com as respostas das professoras B e C, vimos que ambas citaram gêneros orais que contribuem para o desenvolvimento da oralidade, tais como entrevistas e debates. A professora B, todavia, não explicitou como a utilização desses gêneros ocorre em suas aulas, o que possibilitou questionar se o uso desses gêneros orais ocorriam de modo a desenvolver a oralidade dos alunos. A professora C em sua resposta ao questionário detalhou mais suas práticas ao citar projetos multidisciplinares, atividades em grupos, além da leitura e escrita. No entanto, a professora A respondeu que desenvolve a oralidade a partir de ditados ortográficos. Foi observado que essa professora associa oralidade principalmente a escrita de palavras. Os ditados, na maioria das vezes, têm a finalidade de privilegiar o aprendizado da escrita correta a partir da escuta da palavra. Marcuschi (2001) aponta que muitas atividades nos livros didáticos sobre oralidade são voltadas para os textos escritos e não sobre as competências da oralidade.

Quando indagado se as professoras utilizavam algum documento oficial para fazer seus planejamentos e quais eram, todas as professoras responderam que sim. A professora A respondeu à *BNCC E PCN* (Professora A). A professora B respondeu apenas a *BNCC* (Professora B) e a professora C respondeu à *BNCC e a escola tem um sistema chamado PLADIS que é baseado na BNCC* (Professora C). A partir disso, vimos que a professora A cita a BNCC e PCN como base suas práticas, mas no planejamento não desenvolve pontos presentes nesses documentos, por exemplo a leitura oral ou oralização de textos escritos. A professora B destaca a oralidade espontânea e a professora C utiliza a oralidade como objeto de exploração, ambos presentes nos documentos BNCC e PCN.

Considerando os planejamentos disponibilizados pelas três professoras, foi buscado examinar os materiais didáticos utilizados pelas professoras para desenvolver suas práticas de oralidade.

A professora A, observando seu plano de aula, utiliza-se apenas do livro didático para desenvolver sua prática. Vimos que em suas respostas anteriores no questionário ela afirmou ser indiferente ao uso do livro didático e seu uso se limitava às atividades extras. No entanto, seu plano não foi detalhado o suficiente para observar como ela desenvolvia suas práticas em sala de aula. Os materiais didáticos utilizados pela professora B foram o livro didático e R.A (Realidade Aumentada), um recurso tecnológico disponibilizado pela escola na qual ela trabalha, mas essa professora não disponibilizou para a pesquisadora mais detalhes sobre esse

recurso. No planejamento da professora C, ela utilizou o livro didático e a Plataforma YouTube para que as crianças assistissem/ouvissem uma música, no plano não está explicitamente exposta a finalidade da música, voltada como uma atividade de casa para as crianças cantarem e dançarem com os familiares e que trata sobre instrumentos musicais.

As três professoras, apesar de somente a professora B concordar totalmente que utilizava o livro didático, apresentaram o livro em suas práticas para a resolução de atividades. Não é possível determinar o que essas atividades do livro didático buscavam desenvolver para se fazer uma análise mais minuciosa de seu desenvolvimento, especialmente, se elas favoreciam o desenvolvimento da oralidade. A professora A baseou seu planejamento, de forma exclusiva, no uso do livro didático. Em relação ao uso do livro didático Santos (2013, p. 24) diz que “Não seria proibido que o livro didático se tornasse o principal instrumento de apoio do professor, mas ele não poderia ser o único, ou as aulas se tornariam muito mecânicas.”.

As professoras B e C buscaram usar recursos tecnológicos e suas práticas voltaram principalmente para a utilização de gêneros orais. A professora B utilizou o gênero roda de conversa para explorar uma das particularidades da oralidade, como o tempo de falar e de escuta. A professora C utilizou o gênero textual anúncio também como uma forma que explorar a oralidade, tais como utilizando a contação de história, que utiliza o tom, clareza, postura, etc e utilizando o debate sobre o gênero com as crianças para explorar a passagem de turno, cortesia verbal, entre outras especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa objetivamos investigar as atividades propostas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental que podem promover o desenvolvimento da oralidade das crianças. Também tivemos o propósito de identificar as atividades de oralidade desenvolvidas por professores do 2º ano do Ensino Fundamental, e avaliar os materiais didáticos utilizados por professores do 2º ano do Ensino Fundamental para o desenvolvimento da oralidade das crianças. Discutimos na presente investigação sobre o conceito de oralidade, as fases do desenvolvimento da fala do ser humano, a oralidade que muitas vezes é colocada de lado nas escolas, a responsabilidade colocada em cima dos professores e do livro didáticos, o currículo e a importância da oralidade e diferentes práticas e atividades que o professor pode desenvolver com foco na oralidade. Verificamos nos estudos teóricos que a oralidade perdeu bastante do seu destaque ao longo dos anos, sendo vista como inferior à escrita, por ser considerada algo inteiramente informal.

Quando analisamos os dados do questionário e dos planos de aula das professoras sobre suas práticas e materiais utilizados, vimos que as participantes de nossa pesquisa, em sua maioria, compreendem que a fala faz parte da oralidade. Todavia, uma delas (professora C) compreende que o eixo de oralidade abrange muito mais, com suas competências e como uma prática social que conecta as pessoas com o mundo. Ao passo que as professoras A e B não aprofundaram seus conceitos sobre oralidade, dificultando nosso entendimento sobre o que elas consideram como fundamental no trabalho com a oralidade.

Verificamos também que as professoras se apoiam sobre os documentos legais, principalmente a BNCC, apenas uma delas citou o PCN (professora A) para auxiliar suas práticas. Em relação a orientações/formações todas afirmaram participar de formações nas escolas onde trabalham, evidenciando que o eixo de oralidade está presente em suas discussões e planejamentos. Apenas uma (professora C) afirmou receber essa formação também dentro da universidade, levantando o questionamento se as universidades estão realmente abrindo o diálogo sobre a importância do eixo de oralidade e como incluí-las.

Identificamos que as professoras (B e C) trabalham a oralidade, em sua maioria, por meio do uso dos gêneros orais, demonstrando o conhecimento da importância dos gêneros orais e entendimento de como trabalhá-los. Apenas uma delas (professora C) apontou a oralidade em sua função social.

Vimos também que o livro didático foi citado pelas professoras como um auxílio para suas práticas. No entanto ao ser observado os planos de aulas, as professoras (A e B) utilizaram o livro didático como foco principal de suas práticas. Somente uma das professoras (C) utilizou o livro didático como complemento de seu plano de aula.

Percebemos ainda que as professoras demonstram, em seus planos, certo domínio dos gêneros orais no planejamento de suas atividades (B e C), desenvolvendo com foco nas atividades dos livros didáticos (A e B) e priorizando a oralidade como instrumento de ensino, ao invés de objeto de exploração (B).

Concluimos que a oralidade necessita de planejamento e entendimento de suas complexidades. Compreendemos que o livro didático é um bom suporte para as práticas das professoras, mas não pode ser utilizado como o único recurso para o desenvolvimento deste eixo que, assim como a escrita, apresenta seus gêneros, sua formalidade e informalidade.

Nesse sentido, um bom desenvolvimento do eixo de oralidade nas escolas, na sala de aula necessita de planejamento, estímulo diário e o foco como objeto de exploração. A maioria das professoras dessa pesquisa apresenta esse entendimento, mas ainda é comum o trabalho com a oralidade apontado para aprender a escrever ou resolver atividades do livro.

Na nossa pesquisa verificamos que é necessário expandir o conceito de oralidade, na medida em que identificamos algumas fragilidades quanto a compreensão das professoras acerca do trabalho com a oralidade com as crianças. Para tanto é fundamental que elas tenham um suporte em suas formações continuadas, no sentido de conhecer as diferentes atividades de oralidade que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília MEC: 1996.
- BRASIL, MEC. SEF. **Referencial Curricular Nacional**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, A. J. **O desenvolvimento da oralidade na educação infantil: um caso a ser acompanhado**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2019.
- CARVALHO, R; FERRAREZI, C. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. 1º ed. São Paulo: Editora Parábola, 2018.
- CASTILHO, A. T. **Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita?**. Impulso (Piracicaba), Piracicaba SP, v. 12, n. 27, p. 59-72, 2000.
- CEREJA, W. Oralidade e gêneros orais na BNCC e na escola. **Somos par**, 2020. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/oralidade-e-generos-orais-na-bncc-e-na-escola-por-william-cereja/>> Acesso em: 23 jun. 2021.
- CHAER, M.; GUIMARÃES, E. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho - Centro Universitário de Patos de Minas, Minas Gerais, 2012.
- FERREIRA, L. **A oralidade como objeto de estudo de ensino: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.. **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARTINS, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MENDES, A. **A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental 3º e 4º ciclos**: algumas reflexões. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2005.

ROJO, R. O perfil do livro didático de língua portuguesa para o ensino fundamental (5ª. a 8ª. séries). In: ROJO, R. H. R; BATISTA, A. A. G. (Org.). **Livro didático de língua portuguesa: letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 69- 99.

SANTOS, J. T. **O tratamento da oralidade no livro didático**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. Campina Grande, p. 26. 2013.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS

1. Nome completo.
2. Faixa etária: () 20 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () Acima de 51 anos.
3. Tempo de experiência como professora.
4. Formação profissional.
5. Atua em escola pública ou privada?
6. Quantos alunos na turma na qual atua?
7. O que é oralidade para você?
8. Para você, é importante o trabalho com o eixo da oralidade?
 - a. Discordo Totalmente
 - b. Discordo Parcialmente
 - c. Indiferente
 - d. Concordo Parcialmente
 - e. Concordo Totalmente
9. Justifique sua resposta anterior.
10. Qual a importância de se trabalhar com o eixo de oralidade para os alunos?
11. Você recebeu alguma orientação para fazer esse trabalho? Se sim, quais? (Na universidade, nas formações da sua rede, etc...)
12. Você trabalha a oralidade em suas aulas?
 - a. Discordo Totalmente
 - b. Discordo Parcialmente
 - c. Indiferente
 - d. Concordo Parcialmente
 - e. Concordo Totalmente
13. Justifique a resposta anterior. Se sim, de que forma você trabalha com a oralidade em sala de aula?
14. Você utiliza o livro didático adotado pela escola no trabalho com a oralidade?
 - a. Discordo Totalmente
 - b. Discordo Parcialmente
 - c. Indiferente
 - d. Concordo Parcialmente
 - e. Concordo Totalmente

15. Justifique a resposta anterior. Se sim, como o livro didático auxilia no planejamento de suas atividades com o eixo de oralidade?
16. Você utiliza gêneros orais em sala de aula?
17. Se sim, quais gêneros orais que utiliza? Descreva como é seu trabalho com gêneros orais.
18. Você utiliza algum documento oficial para fazer seu planejamento (PNC, BNCC)? Se sim, quais?

ANEXO A - PLANO DE AULA DA PROFESSORA A

1. Classe: 2º
2. Matéria: Português
3. Conteúdo: Produção de texto
4. Desenvolvimento: Atividade Permanente/Oralidade; Resolução da atividade.
5. Atividade: Livro Pág: 28 a 31

ANEXO B - PLANO DE AULA DA PROFESSORA B

1. Identificação
 - a. Área do conhecimento: Ciências Humanas
 - b. Componente curricular: Filosofia
 - c. Competência específica do componente curricular: Aprender a conversar em roda; Perceber a importância de ouvir e ser ouvido numa conversa.
 - d. Habilidades: -
 - e. Ano: 2º
 - f. Bimestre/Trimestre: 1º Bimestre
 - g. Número de aulas: 01
 - h. Unidade/Capítulo: Uni 1/Cap. 1
 - i. Conteúdo(s): Conversa em roda
2. Encaminhamento metodológico
 - a. Conhecimento prévio: Conversa vai... conversa vem; Oralidade
 - b. Conceitos fundamentais: Com a lupa na mão
 - c. Aplicação/Fixação: Mão na massa; Aprender brincando.
3. Recursos tecnológicos: R. A
4. Procedimentos e atividades avaliativas
 - a. Síntese/Avaliação: Classe - livro p 248 a 254; Casa - Ativ na folha

ANEXO C - PLANO DE AULA DA PROFESSORA C

1. Start: A professora iniciou a aula perguntando: Você sabe o que é um anúncio? Será que todo anúncio é para vender algo? Onde podemos encontrar um anúncio?
2. Construindo: A professora explicou que o gênero textual anúncio é usado para promover uma marca, produto, serviço ou ideia para um público definido em um meio de comunicação. Com linguagem atrativa, o anúncio ajuda a convencer o consumidor a tomar uma ação, que pode ser comprar um produto ou contratar um serviço. Além disso, o anúncio pode ser usado para conscientizar. Eles podem ser físicos, em revistas, jornais, outdoor, cartazes, e podem também ser digitais. Foi solicitado que os alunos observassem o anúncio da página 98 e indagou quais características os alunos observaram, fizemos a leitura das imagens e do texto. A professora explicou que nos anúncios a imagem vem como forma de atrair o leitor para a mensagem que está sendo passada, podendo ter uma brincadeira de sentidos, como da imagem que vimos. Além disso, o anúncio vem com um texto curto e de efeito, que chamamos de slogan. Por fim, a professora perguntou: Será que nesse anúncio que lemos, tem o criador dele? Foi explicado que o anunciante é o responsável por ele e mostrou o anunciante dessa campanha.
3. Em ação: Realizamos o estudo do gênero textual anúncio através do exercícios das páginas 99 e 100.
4. Feedback: A professora contou uma história: Na escola de Giovana as crianças não compreendem bem a importância do racionamento de água, deixam torneiras abertas sem necessidades nos banheiros e bebedouros. Conversando com outros colegas sobre essa situação, Giovanna explicou que a água é um recurso finito, ela pode acabar, e que é responsabilidade de todos poupar.
5. Desafio: Vocês irão ajudar Giovana criando um anúncio para conscientizar sobre o desperdício de água. Lembrando que o anúncio precisa ter uma imagem, o slogan e o nome do anunciante. A professora colocou um cronômetro na tela e deu 10 minutos para a conclusão do anúncio.
6. Casa: Página 101. | O que vem por aí? Cante e dance com sua família a música <https://www.youtube.com/watch?v=bIKo3BGfWvA!>"